

COMUNIDADES PESQUEIRAS E VAZANTEIRAS DO VELHO CHICO: MODOS DE VIDAS AMEAÇADOS PELA UHE DO FORMOSO

ANA PAULA GLINFSKOI THÉ
NÚCLEO INTERDISCIPLINAR DE INVESTIGAÇÃO SOCIOAMBIENTAL - NIISA
UNIMONTES

COMUNIDADES TRADICIONAIS DO MÉDIO SÃO FRANCISCO

- Pescadores artesanais (entre estes, pescadores profissionais - "de carteira"), comunidades pesqueiras;
- Vazanteiros; comunidades vazanteiras
- Quilombolas; comunidades quilombolas;
- Indígenas: Povo Tuxá (Buritizeiro) e Povo Xacriabá (Itacarambi e São João das Missões);

COMUNIDADES TRADICIONAIS - DEFINIÇÃO

Comissão de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais e da Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais – PNPCT, esses povos e comunidades foram definidos no art. 3º do Decreto n. 6.040, de 7 de fevereiro de 2007:

- Art. 3º [...] I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição. (BRASIL, 2007, p. 316).

OUTRAS LEGISLAÇÕES E DIREITOS

- Indígenas: art. 231 da Constituição Federal de 1988 e Lei 6001/73 – Estatuto do Índio, Decreto n.º 1775/96;
- Quilombolas: artigos 215 e 216 da Constituição; Instrução Normativa INCRA nº 57 de 20/10/2009;
- Lei MG nº 21.147, de 14 de janeiro de 2014; DECRETO 47289, DE 20/11/2017;
- Convenção 169 – OIT (Oitivas);

UHEs NO SÃO FRANCISCO

- A bacia do São Francisco possui hoje cerca de 6500 Km² represados. O reservatório que mais se destaca pelo tamanho é o de Sobradinho, com 4200 Km², o maior reservatório artificial brasileiro (AGOSTINHO et al, 2007). No passado, o São Francisco era 34º rio de maior vazão em nível mundial, com média anual de 2.800 m³s⁻¹ e o 31º maior em extensão, com 2.900 km (WELCOMME 1985). Hoje, devido a existência de várias UHE em seu trecho, principalmente no Sub-Médio e Baixo São Francisco, a sua vazão na foz é de um pouco mais de 500 m³s⁻¹. Abaixo da Usina de Sobradinho, encontra-se as UHEs de Itaparica, UHE Moxotó, no Submédio São Francisco; o Complexo Hidrelétrico de Paulo Afonso (I, II, III e IV) e UHE de Xingó, no Baixo São Francisco (GODINHO E GODINHO 2003).

IMPACTOS NA FAUNA

- Barragens Hidrelétricas interferem significativamente de forma negativa no regime hidrológico de rios e na dinâmica dos organismos, desencadeando profundas alterações na composição e estrutura da fauna aquática (AGOSTINHO ET AL 2008). Estudos realizados em diversas bacias hidrográficas demonstram uma série de impactos dos barramentos às assembleias de peixes, com efeitos maiores sobre espécies migradoras e endêmicas/nativas (JUNK & MELO 1990; SATO & GODINHO 2003; AGOSTINHO ET AL 2008; GODINHO ET AL. 2010; BRITO & MAGALHÃES 2017). Os impactos na ictiofauna são altamente prejudiciais tanto a montante, como a jusante das barragens.

IMPACTOS SOBRE A PESCA

- As espécies de peixe de maior importância para a pesca artesanal e de subsistência na Bacia do São Francisco são as espécies migradoras. Os peixes migradores dependem de grandes trechos de rio sem barreiras artificiais tanto para a migração ascendente reprodutiva, quanto para o movimento descendente de ovos e larvas. Na bacia do São Francisco, surubim *Pseudoplatystoma corruscans* (Spix & Agassiz 1829), curimatá *Prochilodus argenteus* Spix & Agassiz 1829, matrinhã *Brycon orthotaenia* Günther 1864, pirá *Conorhynchus conirostris* (Valenciennes 1840) e dourado *Salminus franciscanus* Lima & Britski 2007 estão entre os principais peixes migradores.

IMPACTOS A MONTANTE E A JUSANTE DAS BARRAGENS

- Agostinho ET AL (2008), afirmam que os impactos a montante das represas alteram a variedade e qualidade do habitat original, resultando em um gradiente decrescente de diversidade de peixes. A mudança do sistema lótico, de águas correntes, em lêntico, de águas barradas e paradas, contribui para o aumento do número de espécies sedentárias, generalistas e tolerantes à variação ambiental, normalmente exóticas, em detrimento de espécies migradoras e nativas devido à perda de habitats fundamentais para conclusão de seu ciclo de vida (SATO E GODINHO 2003; AGOSTINHO ET AL. 2008; GODINHO ET AL. 2010). Já os impactos a jusante são também importantes para a ictiofauna nativa, já que, com as restrições no fluxo hídrico devido ao barramento, os pulsos sazonais de inundação são alterados e ficam sob o controle das demandas da produção de energia. Este controle e alteração na frequência dos pulsos de cheia interferem na formação e conectividade das lagoas marginais, importantes locais de reprodução e desenvolvimento das espécies de peixes (JUNK & MELLO 1990; POMPEU & GODINHO 2006; AGOSTINHO ET AL. 2008).

IMPACTOS JÁ VIVENCIADOS

- Modificação total da dinâmica da pesca no Alto-Médio e Médio São Francisco desde 1960 – Represa de Três Marias. (Thé, 2003)
- A pesca na represa – “pesca de espera”, 30% de pescadores oriundos dos açudes do Nordeste. Não há memória da pesca em trechos de rio – erosão cultural. Pesca concentrada na curimatá e no tucunaré (exótico), introduzido em meados dos anos 80.
- Pesca a jusante de Três Marias – múltiplas técnicas e estratégias (anzóis e linhas, redes, seletivas por espécies. Mas há uma preponderância da pesca de caceia (rede), estratégia mais generalista. Pescadores urbanos = centrados na atividade pesqueira. Pescadores de áreas rurais – comunidades rurais ou tradicionais. “Sistema vazanteiro – cultivo de vazante e a pesca”



Família vazanteira – Valda, 2013



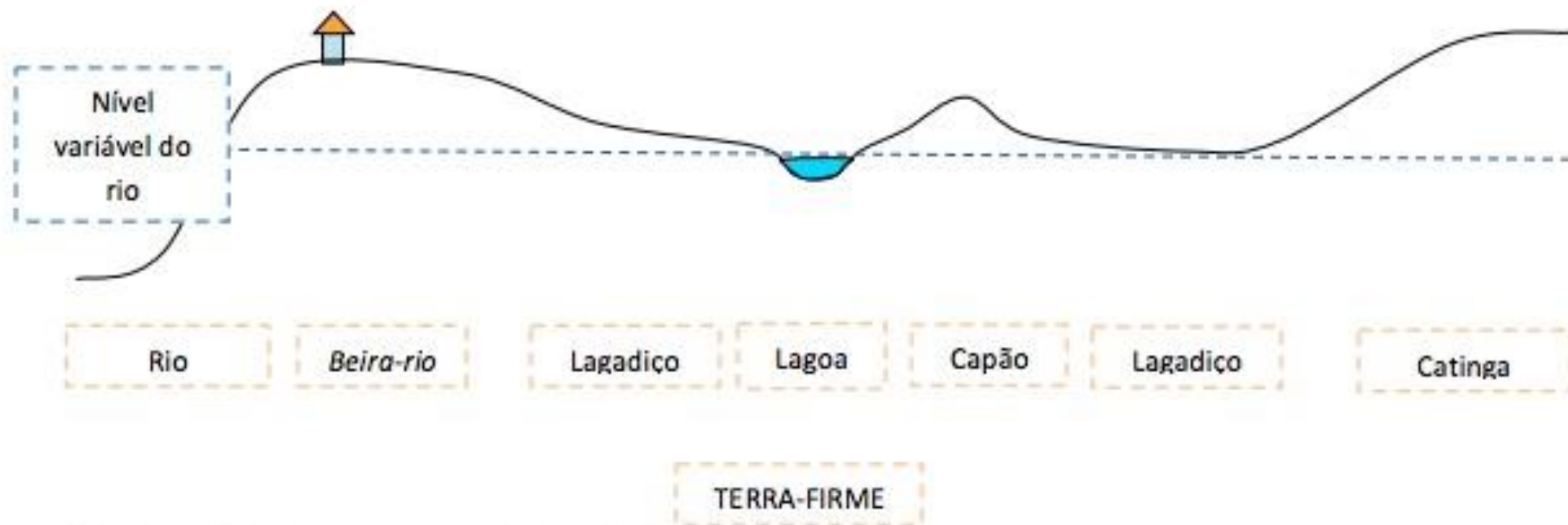
“Cultivo de Vazante – Arquivo NIISA, 2018)

- Vazanteiros
- Cultivo de vazantes; cultivo de sequeiros; pesca no rio e manejo das lagoas marginais; extrativismo florestal – Mata Seca;



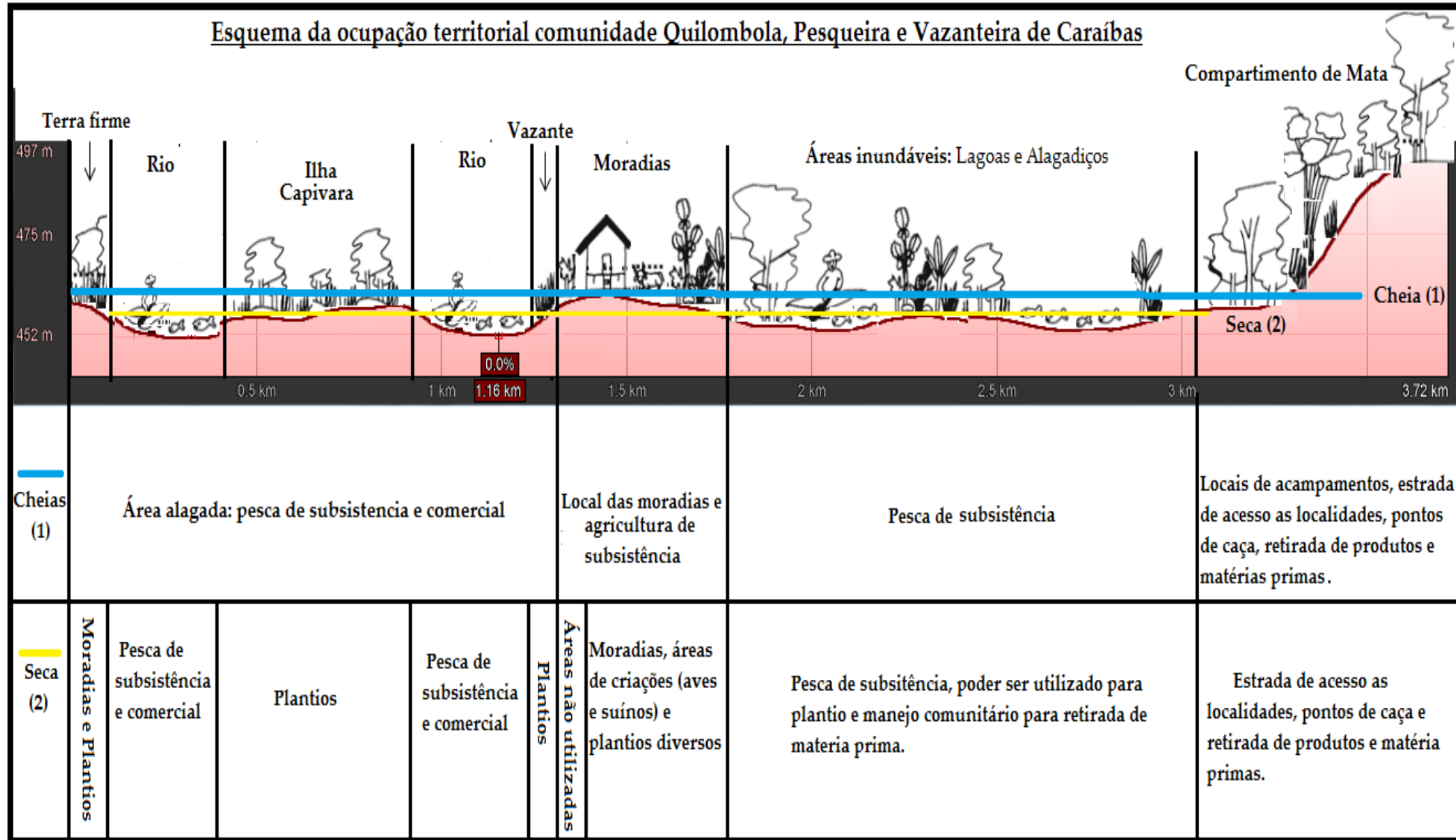
“TERRITORIALIDADE VAZANTEIRA”

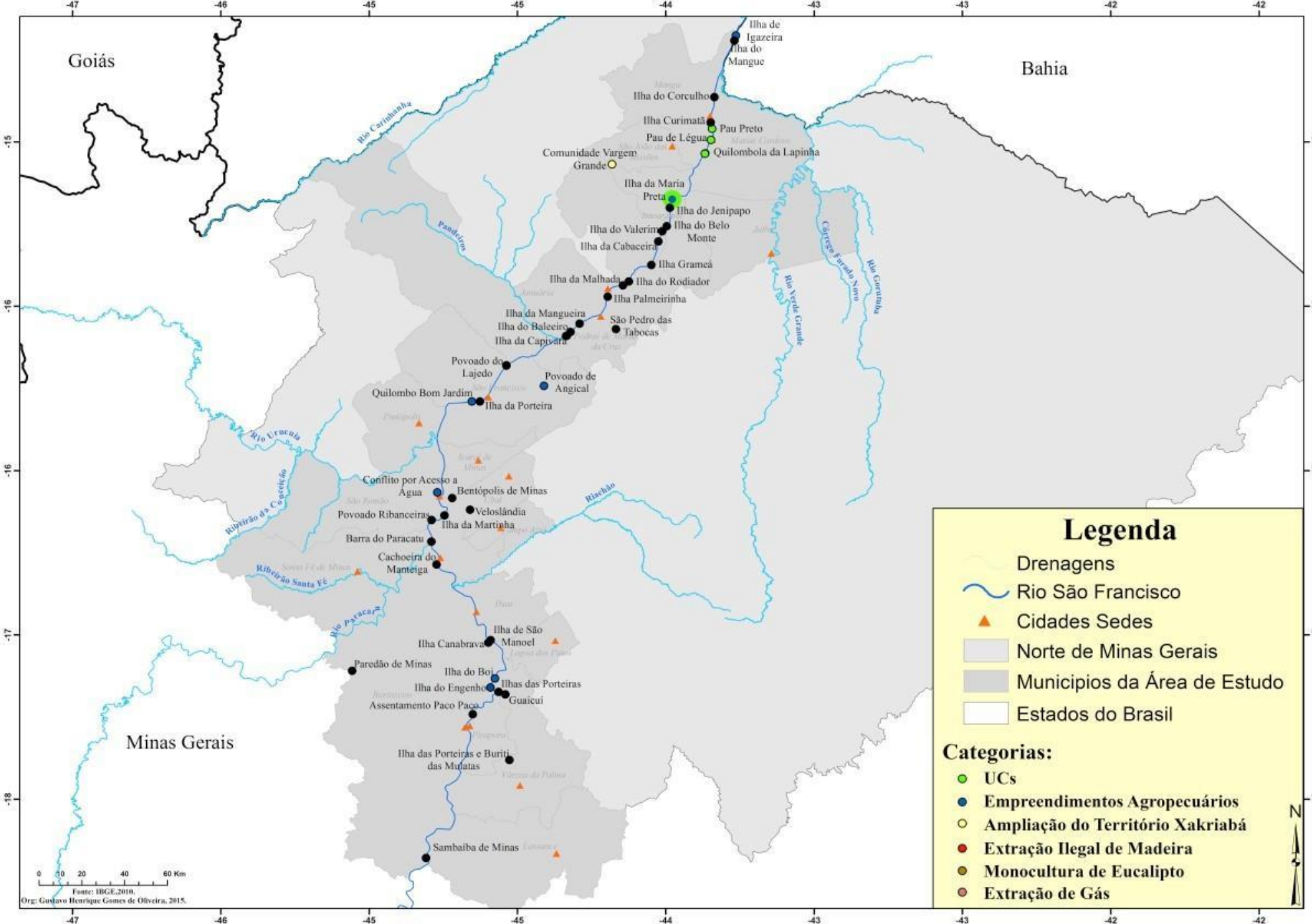
- (Luz de Oliveira, 2005) e Projeto Dinâmicas (2016-2018):
 - Fluída – “devido a transumância entre seca e cheias”
 - O que determina ter direito ao território – “ser vazanteiro”, “ter modo de vida vazanteiro”.
 - ”território uno”



Fonte: Adaptado de Fernandes et alii, 2009

Esquema da ocupação territorial comunidade Quilombola, Pesqueira e Vazanteira de Caraíbas





Anaya & Cotta (2015)

ALGUMAS REFERÊNCIAS

- Anaya, Felisa Cancado. "De encurralados pelos parques a vazanteiros em movimento: as reivindicações territoriais das comunidades vazanteiras de Pau Preto, Pau de Léguas e Quilombo da Lapinha no campo ambiental." (2012).
- Araújo, Elisa Cotta de. *Nas margens do São Francisco: sociodinâmicas ambientais, expropriação territorial e afirmação étnica do quilombo da Lapinha e dos vazanteiros do Pau de Léguas*. Abril/2009. 256 p. Diss. Dissertação de Mestrado—Pós Graduação em desenvolvimento Social, Universidade Estadual de Montes Claros, Montes Claros, 2009.
- da Silva Valencio, Norma Felicidade Lopes. *Pescadores do Rio São Francisco: a produção social da inexistência*. RiMa, 2007.
- Madeira, Thais Fernanda Leite. "A caminho do rio: um estudo sobre as relações de gênero e meio ambiente entre os pescadores do Alto-Médio Rio São Francisco." (2006).
- Oliveira, Cláudia Luz de. "Vazanteiros do Rio São Francisco: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas Gerais." *Belo Horizonte: Dissertação de Mestrado. UFMG* (2005).
- ROCHA, Letícia A. *O poder da territorialidade: o lugar da gente o território pesqueiro, Montes Claros*. Diss. Dissertação de Mestrado], Unimontes, 2017.
- Sousa, Thiago D. "Etnoecologia da pesca artesanal e percepção ambiental sobre os impactos à ictiofauna no submédio e baixo São Francisco." (2018).
- Thé, Ana Paula Glinfskoi. "Conhecimento ecológico, regras de uso e manejo local dos recursos naturais na pesca do alto-médio São Francisco, MG." (2003).